

## APRESENTAÇÃO

*Em nossa cultura, quanto mais  
abrangente a concepção de mundo  
e de vida, mais intensamente se lê,  
numa espiral quase sem fim, que  
pode e deve começar na escola,  
mas não pode (nem costuma)  
encerrar-se nela.*

*(Marisa Lajolo. Da leitura do mundo  
para o mundo da leitura. 1994)*

Anos atrás, o francês Daniel Pennac publicou o livro *Como um romance* que lançava, logo nas primeiras páginas, o que seria o mote de muitos pesquisadores e educadores interessados nas questões da leitura, transcrito a seguir: “O verbo ler não suporta o imperativo. Aversão que ele partilha com alguns outros verbos: amar, sonhar”.

Entretanto, nem toda leitura que realizamos na vida baseia-se apenas em escolhas pessoais ou no prazer que dela podemos retirar. Isso demonstra que o ato de ler tem sido mal interpretado, muitas vezes, pelo viés do prazer descomprometido quando ele deveria assumir outra conotação.

A leitura não é assunto superado, haja vista a maciça produção teórica sobre o tema. Por outro lado, e que talvez devesse ser considerado com maior clareza, as transformações na realidade leitora de nosso país – amplamente apontada como deficitária – não passariam necessariamente por propostas de formação de leitores ideais, mas pela formação de leitores possíveis e reais.

A concepção de leitura que ainda permeia a realidade escolar preconiza leitores controláveis, que lidem com o processo de leitura de forma igual. A escolarização ainda representa a única possibilidade que muitas crianças têm de se interessar e entrar em contato com os livros, com o mundo da leitura, e nesse sentido o papel do mediador de leitura é decisivo.

Pensando nisso, o presente volume de *Nuances - Estudos sobre Educação* reúne treze artigos de pesquisadores brasileiros e portugueses que discutem, sob ângulos diferentes, os modos, os tempos e os espaços da leitura.

Em “Como formar jovens leitores?”, Armindo Mesquita define a leitura como competência fundamental na sociedade civilizada, podendo também ser orientada pelo prazer de ler, cujo surgimento dependerá do contato com os livros.

Hiudéa Tempesta Rodrigues Boberg analisa, no texto “A literatura em sala de aula: novas concepções de abordagem do texto em prosa”, uma proposta de abordagem de textos literários em prosa baseada no Método Receptional para as séries finais do Ensino Fundamental.

No terceiro artigo, “Percurso de letramento de professores das séries iniciais do ensino fundamental: o papel da história oral no estudo da memória de leituras”, Ana Lúcia Guedes Pinto apresenta a análise de entrevistas com professores das séries iniciais em formação, recuperando suas memórias de leitura.

O papel da *hora do conto* como desencadeadora de aprendizagens significativas para crianças, especialmente nas áreas de leitura e escrita, é discutido por Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto e Elieuzza Aparecida de Lima, no artigo “A *hora do conto* no processo de aprendizagem da leitura e da escrita”.

Rita Alexandra Vieira Simões e Karine Cristina Manzo Berg apresentam, em “O poder mágico da fala: oralidade e oracina no ensino fundamental”, a importância da linguagem oral na vida humana e seu uso dentro da escola.

No artigo “Identificação, reconhecimento e compreensão em manuais das décadas de 50 e 60 do século XX”, Dagoberto Buim Arena compara dois manuais didáticos sob o ponto de vista de sua organização para o ensino da leitura, analisando as orientações sobre os modos de ler neles contidas.

Ana Luzia Videira Parisotto analisa possíveis associações entre formação docente e ensino da produção textual no texto “Produção textual e formação docente: uma relação possível”.

O uso das “histórias com problemas” para o desenvolvimento de competências interdisciplinares é o objeto de reflexão de Maria de Fátima Morais Sardinha, Fernando José de Fraga Azevedo e Pedro Manuel Baptista Palhares, no texto “‘Histórias com problemas’: uma forma de educar para a numeracia e para a literacia”.

Gisele Domingos do Mar, em “O lúdico, o ensino de línguas e os temas transversais” apresenta a importância de alguns jogos pedagógicos como facilitadores da aprendizagem de língua materna ou de língua estrangeira.

No texto “As crônicas de Drummond e a formação do jovem leitor”, Rosa Maria Graciotto Silva analisa crônicas de Carlos Drummond de Andrade, publicadas na coleção “Para gostar de ler”, da Editora Ática, apontando aspectos que permitiriam concluir que esses textos cumprem o que se propõem, ou seja, a formação do gosto pela leitura literária.

A tradução e a adaptação são temas do texto “Shakespeare para jovens leitores: algumas reflexões acerca de tradução e adaptação”, de Beatriz Pinheiro Arraes que compara dois volumes que contêm o texto *Otelo*, apontando aproximações e distanciamentos das obras em relação à sua forma e a seu conteúdo.

Lílian Lopes Martin da Silva e Norma Sandra de Almeida Ferreira analisam, no artigo “Encenando a leitura: a leitura, o leitor e a biblioteca construídos numa campanha publicitária veiculada no jornal”, as imagens, valores e conceitos sobre leitura construídos nessa mídia.

Por fim, no artigo “Vamos à biblioteca! - o papel da biblioteca escolar na formação de crianças leitoras”, de Ângela Coelho de Paiva Balça discute a importância e o papel desempenhado pela biblioteca na formação dos leitores.

A constituição do leitor, em síntese, extrapola noções de leitura até então recorrentes: ela se reveste de uma natureza social e, por que não, político-ideológica, baseada na construção de um sujeito leitor que perceba as possibilidades de transformações de si e do mundo que a leitura, a seu modo, pode propor.

Boa leitura!

Renata Junqueira de Souza  
Organizadora